



Mídia e Educação: questões de acesso à informação na Unidade de Assentamento Subnormal Pantanal em Aracaju/SE¹

Guilherme Borba Gouy²
Lilian Cristina Monteiro França³
Christiane Rocha Falcão⁴
Márcio Venâncio⁵
Felipe Nabuco Queiroz Sampaio⁶

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Resumo

O Assentamento Subnormal Pantanal, localizada na zona sul de Aracaju, apresenta problemas de infra-estrutura que, em maior ou menor grau, condenam a qualidade de vida da população. Curiosamente, o Pantanal está situado entre o Distrito Industrial de Aracaju, cujas atividades parecem não ter absorvido a mão de obra local, fato que poderia ter auxiliado no desenvolvimento da comunidade, e o Parque dos Coqueiros, bairro de classes média e média alta. O presente estudo, orientado por temas e concepções teóricas, se propõe a identificar quais os meios de informação presentes no cotidiano daquela comunidade. Além disso, a análise do nível de escolaridade dos entrevistados é apresentada como o ponto-chave para o entendimento desse consumo. Para tanto, foram entrevistados 136 moradores do Pantanal, mediante aplicação de questionário, cujos resultados foram tratados à luz do referencial teórico.

Palavras-chave: Assentamentos Subnormais; Meios de Informação; Educação; Consumo.

Introdução

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação. 2007

² Guilherme Borba Gouy é graduando em Comunicação Social (habilitação em radialismo e televisão) pela UFS; integrante do Núcleo de Comunicação e Arte – NUCA da UFS. Atualmente trabalha como assessor de comunicação do Centro de Educação Superior a Distância – CESAD da UFS. guilhermegouy@yahoo.com.br.

³ Dra. em Comunicação, Lilian Cristina Monteiro França é professora efetiva do Dep. de Arte e Comunicação da UFS. Atualmente é diretora do Centro de Educação Superior a Distância – CESAD.

⁴ Christiane Rocha Falcão é graduanda de Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe e pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Afro Brasileiros/UFS. chfalcao@gmail.com.

⁵ Márcio Venâncio é graduado em Comunicação Social (habilitação em radialismo e televisão) pela UFS e pós-graduando em Gestão de Comunicação Integrada. Atualmente no Núcleo de Mídia Digital do – CESAD da UFS.

⁶ Felipe Nabuco é graduando em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Atualmente trabalha na Assessoria de Comunicação da Séc. de Saúde do Município de Aracaju.



Nas últimas décadas, o crescimento da população brasileira tem se dado de forma desordenada⁷. Há regiões do país onde as taxas de natalidade reproduzem um quadro semelhante ao exibido por países tão miseráveis quanto Somália e Uganda, na África, enquanto outras apresentam características de países como a Rússia e a Irlanda, cujas taxas de natalidade são bastante baixas.

O aumento da população em determinadas regiões tem ampliado o interesse de várias esferas sociais sobre o tema, até mesmo por uma questão de adaptação a essa realidade. A velocidade com que esse fenômeno tem avançado é alta, deixando o Estado e a sociedade em estado de alerta, pois ainda não se encontram integralmente preparados para lidar com uma realidade composta por um número cada vez maior de pessoas.

Diferentemente do que ocorria até pouco tempo atrás, esses bolsões de descontrole populacional não se situam apenas em rincões, mas nos grandes centros urbanos também – as favelas se tornaram ilhas de explosão demográfica dentro das metrópoles (UNICAMP, 2004). Na última década, a população de favelas aumentou num ritmo quase três vezes superior à média brasileira (IBGE, 2000). As maiores expansões ocorreram nas cidades de São Paulo, Belém e Rio de Janeiro. Nesta última, enquanto a população cresceu a uma taxa de 0,74% ao ano na década passada, o número de habitantes de favelas aumentou a um ritmo de 2,4%, segundo pesquisa feita pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE, em conjunto com o Instituto Pereira Passos.

Baixa escolaridade, falta de qualificação e de experiência, são alguns dos fatores responsáveis por manter fora do mercado formal de trabalho a grande maioria dessas pessoas, expondo-as à própria sorte. Em geral, vivem à margem da sociedade, se alimentam mal, tem pouco ou nenhum acesso aos meios de informação e de educação e vivem em moradias improvisadas, isso quando a rua não lhes serve de abrigo. Em geral, o sonho de galgar uma situação socioeconômica melhor desfaz-se no ar em pouco tempo.

Em 1940, cerca de 32% da população brasileira habitava em zonas urbanas, ultrapassando a marca dos 75% no final da década de 1990 (IBGE, 2000). Com o avanço do processo de urbanização, questões relacionadas à falta de moradia e/ou a

⁷ Mesmo que os resultados dos Censos Demográficos de 1991 e 2000 mostrem claramente que em razão do continuado processo de transição para baixos níveis de mortalidade e de fecundidade, a população do Brasil caminha a passos largos rumo a um padrão demográfico com predominância de população adulta e idosa, há regiões que, mesmo dentro das metrópoles, apresentam um boom populacional difícil de conter.



inadequação de domicílios⁸ passaram a integrar a pauta de discussões de estados, municípios e da iniciativa privada, preocupados com a intensificação do que viria a se tornar um problema social de proporções gigantescas, complicado de ser resolvido (NABIL, 1997).

Partindo dessa perspectiva, o déficit habitacional, co-relacionado com fatores socioeconômicos (grau de escolaridade, renda bruta, idade dos indivíduos etc.) e os hábitos de consumo dos meios de informação (rádio, televisão, jornais e Internet) desenvolvidos pela comunidade do Pantanal, em Aracaju/SE, permitirão, na medida do possível, que hipóteses mais densas acerca desse consumo sejam formuladas.

O presente artigo estrutura-se da seguinte forma: apresentação da história do Pantanal, depois, análise do perfil de seus moradores a partir dos dados levantados e, finalmente, apresentação das considerações finais. A proposta é a de identificar quais os meios de informação presentes no cotidiano desses moradores, atentando, ainda, para a frequência com que esses meios são utilizados. Além disso, a análise do nível de educação dos entrevistados será o ponto-chave para o entendimento do consumo que, em maior ou menor grau, se faz deste ou daquele meio de informação naquela Unidade de Assentamento Subnormal. Para tanto foi realizada uma pesquisa com 136 (cento e trinta e seis) moradores (81 homens; 55 mulheres) do Pantanal, na faixa etária entre 15 e 65, e aplicado, entre os meses de janeiro e maio do corrente ano, um questionário contendo questões abertas e fechadas (do tipo múltipla escolha) cujos resultados foram tratados à luz do referencial teórico.

Déficit Habitacional

Devido às inúmeras divergências quanto à sua real dimensão, há tempos a questão do déficit habitacional no Brasil se tornou algo difícil de ser precisado. Os números sobre a enorme deficiência de moradias⁹ e às precárias condições de habitação de grande parte da população brasileira são tão divergentes quanto polêmicos, o que acaba por prejudicar a formulação e implementação de uma política habitacional

⁸ A carência de infra-estrutura, definida como o não atendimento adequado de um ou mais dos serviços básicos considerados (iluminação elétrica, rede geral de abastecimento de água, rede geral de esgotamento sanitário ou fossa séptica e coleta de lixo) é o fator que mais contribui para a que o domicílio seja classificado como inadequado.

⁹ O problema habitacional tem sido, há várias décadas, objeto de estudo da Fundação João Pinheiro (FJP), de Belo Horizonte, cujo objetivo é o de fornecer números que retratem o mais fielmente possível a situação do setor no país. Uma série de estudos para o Ministério das Cidades, por meio de contrato com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), no âmbito do Programa Habitar-Brasil do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), divulga dados tanto para o Brasil quanto para as unidades da Federação, regiões metropolitanas, microrregiões geográficas e municípios selecionados.



verdadeiramente eficaz. Nesse sentido, Azevedo (1988) acredita que a ineficiência da política habitacional propiciou o recrudescimento do fenômeno da favelização e outras formas precárias de acesso à moradia.

Para se ter uma idéia da complexidade da matéria e do grau de discrepância entre as estimativas formuladas, podemos encontrar facilmente vários dimensionamentos acerca do tema em questão:

Estudo elaborado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) - "*Diagnóstico Habitacional do Nordeste*" - estima que o déficit por unidades habitacionais no Brasil, em 1989, era de 6,47 milhões de moradias; documento da Caixa Econômica Federal - "*Necessidades Habitacionais*" - Departamento de Saneamento e Desenvolvimento Urbano - Rio de Janeiro – (1992) aponta o déficit habitacional brasileiro, em 1991, como sendo da ordem de 8,9 milhões; estudo divulgado pelo Sindicato da Construção de São Paulo (SindusCon) revela que, entre os anos de 1993 e 2004, a falta de moradias no país passou de 6,2 para 7,8 milhões – com destaque para os principais centros urbanos do país, São Paulo e Rio de Janeiro, seguidos pelos estados do Maranhão, Minas Gerais, Bahia e Pará. Juntos, esses estados representam 58% do total nacional; segundo o Ministério das Cidades/ Fundação João Pinheiro, com base nos dados do Censo 2000 (IBGE), o déficit habitacional girava em torno de 7,2 milhões. Entretanto, especialistas do Núcleo de Estudos da População da Unicamp acreditam que esse número está superestimado em pelo menos 3,1 milhões. A origem do problema, segundo os pesquisadores José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi, está na inclusão de todas as casas em que vive mais de uma família, ou seja, “se há duas famílias no mesmo domicílio, há a necessidade de nova moradia”.

É inegável que a complexidade do levantamento dos dados pode explicar, em parte, as diferentes estimativas. Todavia, as principais razões da aparente inconsistência dos números são apresentadas no conjunto de estudos intitulado “*Déficit Habitacional no Brasil*” (1995/ 2000/ 2001/ 2005), realizado pela Fundação João Pinheiro - MG, em convênio com o Ministério do Planejamento e Orçamento, através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). De acordo com esses estudos, as quantificações distintas são resultado da adoção de diferentes definições de déficit habitacional, o que prejudica a delimitação do problema.

Déficit Estadual/ Sergipe



Em Sergipe, à semelhança do que acontece em outros estados, o crescimento populacional também se dá de forma irregular, sendo os maiores índices de crescimento detectados no litoral, principalmente, em Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão (juntos, esses municípios compõem a Grande Aracaju) e, no interior, em algumas áreas do Sertão do São Francisco onde existe agricultura irrigada, como é o caso do projeto de Poço Redondo, nos limites com Alagoas. Atualmente, a população do estado ultrapassa a barreira dos 1,9 milhões de habitantes (IBGE, 2005). Na capital, Aracaju, estima-se de que a população seja superior a 470 mil habitantes.

Com o crescimento da população, o déficit habitacional do Estado, em 1991, atingiu a marca 66.722 moradias, evoluindo, em 2005, para algo em torno de 99.998, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2005). Em Aracaju, estimou-se que, em 2001, o déficit de moradias ultrapassava a marca de 27 mil unidades¹⁰.

No tocante, esse crescimento desordenado, agregado ao déficit habitacional existente, tem provocado o surgimento do que se convencionou chamar de Unidades de Assentamento Subnormais¹¹, espalhadas por todo o Estado. Em 2006, Levantamento Sócio-econômico das UAS de Aracaju¹² contabilizou a existência de 71 áreas com essas características.

Em linhas gerais, esse tipo de ocupação é caracterizado da seguinte forma: conjunto (favelas e assemelhados) constituído por unidades habitacionais (barracos, casas etc.), ocupando, ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais (IBGE, 2000).

Unidade de Assentamento Subnormal/ Pantanal

Localizada às margens do Rio Poxim, o assentamento Socó-Pantanal (conhecido como Pantanal e/ou Vila Socó), a exemplo do que acontece em outras UAS, apresenta problemas de infraestrutura que, há tempos, ‘engessam’ a elevação da qualidade de vida da população: saneamento básico precário e/ou improvisado, ausência

¹⁰ Dados divulgados pela Secretaria de Planejamento – Seplan do Município de Aracaju/ Maio de 2007.

¹¹ Em geral, o conjunto dessas moradias recebe diversas denominações, a saber: Unidade de Assentamento Subnormal - UAS, Área de Assentamento Subnormal – AAS e/ou Aglomerado Subnormal etc.

¹² Prefeitura Municipal de Aracaju - Levantamento Sócio-Econômico das Unidades de Assentamentos Subnormais - UAS de Aracaju, realizado em 2006, pela equipe técnica da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe – FAPES/ UFS, sob a coordenação da Profa. Magna Maria da Silva.



de calçamento, iluminação pública deficitária, falta de segurança, ausência do sistema de coleta de lixo, e dificuldade de acesso aos programas sociais e/ou educativos.

Curiosamente, o Pantanal está situado numa região privilegiada, entre o Distrito Industrial de Aracaju¹³ - D.I.A, cujas atividades parecem não ter absorvido a mão-de-obra local - fator que poderia ter auxiliado no desenvolvimento daquela comunidade -, e o Loteamento Parque dos Coqueiros, bairro de classes média e média alta.

O Pantanal é fruto de um processo de loteamento irregular efetivado em terras pertencentes a União. Nesse sentido, vale ressaltar, que sendo este pertencente à outra instância do poder, à Prefeitura Municipal de Aracaju não cabe a responsabilidade legal (apenas moral e social) pela manutenção da respectiva área, relegando àquela comunidade à exclusão e ao que Porto (2006:2) denomina de ‘Invisibilidade Social’¹⁴.

Dona Altimira Caetano¹⁵, 54, moradora do Pantanal há 20 anos, pode ser considerada uma das moradoras mais antigas da comunidade, o que lhe permite falar sobre a história do loteamento com fina propriedade.

Após um primeiro contato (que só se tornou possível por causa da interferência de um morador da confiança de Dona Altimira, e conhecido da nossa equipe), foi possível entrevistá-la. Vale ressaltar que foi um começo difícil, marcado por cerrada desconfiança por parte da entrevistada. Num segundo momento, mais relaxada, Dona Altimira explica a relutância inicial:

“Não costumo falar com estranhos nem assinar nada que me pedem, pois há muita gente que vem aqui cheia de más intenções com os pobres. Esse é um terreno de invasão, não vou negar. Eu mesma invadi esse terreno onde construí essa casa, fruto do suor do meu rosto e do de meus filhos. Tempos atrás, muita gente vinha aqui se dizendo dona desses terrenos. Já veio gente da DESO¹⁶, da CODISE¹⁷ e da ENERGIPE¹⁸. Esse terreno era da UNIÃO; se é da UNIÃO é nosso. A Prefeitura já prometeu arrumar isso aqui, calçar tudo e deixar

¹³ Projetado e construído ainda na década de 70, impôs-se como um dos mais importantes instrumentos utilizados pelo Poder Público para consecução de sua política de atração de investimentos para o território sergipano, concentrando um enorme número de indústrias, dos mais diversos setores.

¹⁴ Podemos definir a Invisibilidade Social como sintoma de uma crise de identidade nas relações entre os indivíduos das sociedades contemporâneas, considerando-se os efeitos da estruturação sócio-econômica advinda do Neoliberalismo, que tem como protagonista a “Cultura do Consumo”, na qual “você é o que você consome”. Em geral, o conceito de Invisibilidade Social tem sido aplicado quando se refere a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença, seja pelo preconceito, o que nos leva a compreender que tal fenômeno atinge, prioritariamente, aqueles que estão à margem da sociedade.

¹⁵ Altimira Caetano é um nome fictício, no intuito de preservar a identidade da entrevistada.

¹⁶ Companhia de Saneamento de Sergipe

¹⁷ Companhia de Desenvolvimento Industrial e de Recursos Minerais de Sergipe.

¹⁸ Empresa Energética de Sergipe S.A. Privatizada em 1997, a empresa foi comprada pelo grupo mineiro Cataguases-Leopoldina, que pagou cerca de R\$ 577 milhões por ela.

‘arrumadinho’ pra gente poder viver como gente, mas ainda não cumpriu... pobre sempre acredita nas promessas do ‘povo lá de cima’ (leia-se poder público), não é, meu filho!?”

Segundo ela, que diz lembrar perfeitamente do dia da chegada (19 de maio de 1987), o Pantanal existe a pelo menos vinte cinco anos – fato que muita gente desconhece. “Eu passei o São João aqui, no meio do mato, num barraco improvisado com pedaços de madeira e sem nada para comer”, relembra o difícil começo, com lágrimas nos olhos.

O Pantanal se subdivide em duas etapas. Uma delas, provavelmente a mais antiga, é conhecida pelos mais jovens como “Vila do Rato”. Dona Altimira nos conta que a primeira parte da invasão possui mais de vinte anos de existência, e é a parte mais pobre do Pantanal. As casas (barracos), improvisadas e sem condições de habitação, acompanham a margem direita do Poxim e se espalham por algumas “ruas”. O acesso é feito por um estreito caminho na beira do rio. A segunda, cujos traços de urbanização são mais evidentes (guardadas às devidas proporções), apresenta construções mais bem acabadas, feitas de alvenaria e um número mínimo de dependências (quarto, sala, cozinha e banheiro). Todavia, vale à pena sublinharmos a existências de casas que, com dois quartos (amplos) e bem divididas, acabam por se destacar dentre as demais habitações. O acesso é feito por dois caminhos. O primeiro, é feito pelos fundos da empresa Alpargatas do Nordeste S/A, no D.I.A. O segundo, pelo Loteamento Parque dos Coqueiros.

Pode se dizer que o largo e silencioso convívio social estabelecido entre os moradores do Loteamento Parque dos Coqueiros e os do Pantanal se mantém em tempos de paz há vários anos. Mas não foi sempre assim. Em 1990, destinados a promover a segregação dos ‘invasores’, tentou-se, por mais de uma vez, impedir que os moradores do Pantanal voltassem para casa tendo o Parque dos Coqueiros como via de acesso. Barricadas eram feitas constantemente, utilizando pedras e entulho. Por três vezes tentaram construir um muro no local, mas a população, indignada com o abuso dos “riquinhos”, resistiu às investidas.

O filho mais velho de Dona Altimira, José Caetano¹⁹, lembra das vezes em que tentaram construir o muro:

“[...] tentaram várias vezes. Quem eles pensam que são? Será que acham que aqui só tem marginal, maconheiro? Aqui tem muita gente

¹⁹ José Caetano é um nome fictício, atribuído ao entrevistado na tentativa de preservar sua identidade.



boa, gente que trabalha, gente que acorda cedo pra ir ganhar o pão de cada dia de forma honesta, honrada. Quem já viu algo como isso? Que queixo-duro. Nunca pensei que alguém tivesse coragem de construir um muro no quintal da casa dos outros e dizer: a partir de hoje, vocês, pobrezinhos, passem por outro lugar, pois aqui não é lugar para vocês passarem”.

Nesse momento, Dona Altimira pede licença para falar, e aproveitando o desabafo do filho, completa: “Meu filho (se referindo à nossa equipe), aqui mora muita gente boa, gente boa mesmo. Aqui mora gente do exército, gente da ENERGIPE, até advogado. É tudo gente igual... é triste saber que tem gente que acha que é melhor do que os outros”.

Meios de Informação

Como mencionado no início desse estudo, fez-se necessário que os moradores do Pantanal respondessem um questionário, contendo perguntas abertas e fechadas (do tipo múltipla escolha), que, após serem devidamente analisadas, permitiu que conhecêssemos melhor o consumo que aquela comunidade faz dos meios de informação. Lembramos, ainda, que o item que trata do grau de escolaridade foi essencial para esse entendimento, pois, tendo-o como parâmetro, foi possível analisar tal consumo com mais propriedade e clareza.

Para facilitar o entendimento acerca dos dados coletados, e suas respectivas análises, subdividimos a apresentação dos meios de informação (rádio, televisão, jornais e Internet). Além disso, no intuito de criar uma série de contrapontos, que permitiram reforçar nossa argumentação, expusemos o resultado da pesquisa aos resultados de pesquisas de caráter nacional, realizadas, prioritariamente, pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Apresentamos a seguir a análise e os contrapontos dos dados coletados na Unidade de Assentamento Subnormal Pantanal:

Rádio

Em 1935, ciente da importância de conhecer a audiência dos meios de informação, George Gallup cria o *American Institute of Public Opinion*, especializado, entre outras coisas, na pesquisa dos índices de audiência do rádio. No Brasil, utilizando-se dos princípios criados pelo instituto, em 1940, é iniciada a pesquisa de audiência, que

permitiu aprofundar as análises de alcance e frequência de programação e comportamento dos ouvintes²⁰ (IBOPE, 2004).

Com a pesquisa, evidenciou-se que: 75,70% dos entrevistados utilizam o rádio com frequência, contra apenas 24,25%, que responderam negativamente. Tempo de uso: 65,92% dedicam 4h ou mais; 21,63% dedicam entre 2 e 4h; e 18,54% dedicam entre 1 e 2h por dia. Emissoras que mais ouvem: 50,47% ouvem a Mega FM (93,5 MHz); 37,08% ouvem a FM Sergipe (95,9 MHz); 4,12% ouvem a Jovem Pan (88,7 MHz); e os 14,42% restantes ouvem outras emissoras.

Em 2005, pesquisa revela que 88,% dos domicílios permanentes possuíam algum tipo de rádio - tido por muitos pesquisadores como sendo o meio de informação mais democrático que existe (IBGE, 2005).

Televisão

Apropriando-nos das idéias de Condry (1989), no que diz respeito ao uso da TV, o primeiro passo para se compreender tal hábito é perguntar a quem o tem.

Quanto ao hábito de ver televisão, 62,47% dos entrevistados assinalaram que não tem esse costume (por não tê-la), contra apenas 37,48% que disseram que o tem. Tempo que dedicam a essa atividade: 70,56% dedicam entre 1 e 2h por dia; 15,68% dedicam entre 2 e 4h; e 13,72% dedicam 4h ou mais. Nesse sentido, resguardadas as proporções cabíveis a cada faixa etária²¹, podemos afirmar que, desde a década de 1960, o número de horas que o indivíduo passa diante da televisão vem aumentando consideravelmente (GOUY, 2006:54). Entre 1960 e 1980, estudos realizados na sociedade norte-americana apontam o envelhecimento populacional como um dos primordiais responsáveis pelo aumento do consumo da TV - são os idosos os que mais assistem à TV (ACOSTA-ORJUELA, 2001). Programas mais assistidos: 47,04% têm predileção pelo 'Globo Esporte' (TV Sergipe – canal 4); 33,32% assistem ao 'Tolerância Zero'²² (TV Atalaia - canal 8); 17,64% gostam do 'Mais Você' (TV Sergipe – canal 4); e 1,96% assistem a outros programas.

²⁰ Desde a década de 40, a metodologia utilizada para quantificar e/ou qualificar a audiência do meio Rádio evoluiu bastante. Em 2003, o IBOPE utilizou-se de um sistema de "Fusão" e criou o Radio *Planning* no qual foi possível aprofundar as análises de alcance e frequência de programação e comportamento dos ouvintes além de avaliar os resultados das campanhas publicitárias.

²¹ Segundo Comstock (1989), é possível afirmar que o número de horas que o indivíduo assiste à TV possui correlação direta com sua idade. "*The Evolution of American Television*". London: Ed. Sage, 1989.

²² O referido programa possui gênero policial. O apresentador, radialista e policial civil da ativa, aborda a criminalidade com sarcasmo e ironia, sendo o número de fãs do programa bastante alto. Em contrapartida, o jeito debochado como trata certos assuntos lhe rende muitos processos e a inimizade de autoridades e figuras públicas.



No Brasil, pesquisa revela que 91,4% dos domicílios possuem televisão (IBGE, 2005), sendo às 20:00h o horário em que a maioria dos brasileiros está com seus aparelhos ligados. – o chamado horário nobre. O tempo que o brasileiro dedica à TV tem aumentado significativamente ao longo dos anos. Uma das explicações repousa sobre o fato de que, com o processo de estabilização da econômica do país, a taxa de juros em queda permite que mais e mais pessoas tenham acesso a esse bem de consumo, sendo ele intensificado em datas comemorativas, como o natal, e em eventos esportivos de grande porte, como a Copa do Mundo de Futebol.

Jornais

De antemão, acreditávamos que as perguntas relacionadas a esse meio de informação revelaria o distanciamento que aquela comunidade possui das letras (o que foi posteriormente confirmado), seja ele causado pela baixa escolaridade, que impossibilita o cidadão decifrar os códigos utilizados pelo meio, quer seja pelo baixo poder aquisitivo do indivíduo, que, priorizando os gêneros de primeira necessidade, dificilmente possui excedente passível de ser empregado nessa atividade.

A análise realizada foi segmentada a partir da leitura habitual em dias da semana. A partir disso, quanto ao hábito da leitura: 94,81% dos entrevistados disseram não possuir tal hábito, contra apenas 5,14% que afirmou cultivá-lo. Dentre os que lêem, 85,68% afirmaram que o fazem 1 ou 2 vezes por semana; e 14,28% o fazem 2 ou 3 vezes. Quanto à preferência pelo jornal, 71,4% preferem o jornal Cinform, de circulação semanal. Cabe aqui, entretanto, um breve esclarecimento. O Cinform é, antes de tudo, um classificado, ou seja, suas páginas estão repletas de anúncios de compra e venda, ofertas e procura de emprego. Provavelmente, essa característica constitui um dos maiores atrativos para os leitores do Pantanal, que demonstraram pouco interesse em informações que não as mencionadas. 14,28% dos leitores lêem o Jornal da Cidade; e 14,28% lêem outros títulos.

Internet

A quantidade de pessoas que já acessaram a rede mundial de computadores é cada vez maior e varia de acordo com idade e região, havendo disparidades enormes no que diz respeito ao acesso a este meio. Se nas regiões Sul e Sudeste o acesso tem crescido ano após ano, nos estados do Norte e Nordeste esse crescimento tem sido modesto.



Em 2001, quando se começou a verificar a existência de computadores em residências, verificou-se que em 12,6% dos lares brasileiros tinham microcomputadores ou similar e 8,6% das casas tinham acesso a Internet. Em 2005, 18,8% das moradias do país possuíam PC, um crescimento de 2,5 pontos percentuais em relação ao levantamento anterior de 2004, quando a expansão havia sido de 1 (um) ponto percentual frente ao ano anterior (IBGE, 2005).

Quanto à presença da Internet no cotidiano dos moradores do Pantanal, a pesquisa evidenciou que 94,81% dos indivíduos não têm PC e/ou acesso a Internet, contra apenas 5,14% que afirmaram acessá-la. Quanto à frequência do acesso, 71,4% o fazem 1 vez por semana e 28,56%, duas vezes por semana. Nesse aspecto, o baixo preço cobrado (entre R\$1,00 e R\$2,00/h) pelas *lan-houses* da região constitui um agente facilitador no que diz respeito ao contato da comunidade do Pantanal com o computador e à Internet. A pesquisa revelou, ainda, que o acesso é feito prioritariamente em *lan-houses* (71,4%); 14,28% afirmaram acessar da escola onde estudam; e 14,28% acessam de outros lugares. 100% dos usuários utilizam conexão Banda Larga, muito provavelmente pelo acesso ocorrer em locais especializados e/ou propícios a essa conexão, até mesmo porque não foi acusada a presença de computadores nas residências pesquisadas.

Segundo o IBGE (2005), com base nos dados levantados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, apenas 18,6% dos brasileiros possui microcomputador em casa, sendo a conexão, na maioria dos casos, do tipo discada.

Educação/ Grau de escolaridade

Quanto ao grau de escolaridade, 53,65% dos entrevistados indicaram possuir o 1º grau incompleto; 41,89% afirmaram não saber ler nem mesmo escrever (analfabetos declarados); 3,67% possuem o 1º grau completo; e 0,73% está cursando o 2º grau. Surpreendeu-nos, entretanto, perceber que, mesmo longe dos bancos escolares, a vontade de retomar os estudos é um sentimento perene entre os pesquisados, que se mostraram cientes da importância da educação na vida das pessoas.

Dona Marta²³, 64, diz que a educação, juntamente com o trabalho, é muito importante para que o “povo melhore de vida e saia da miséria”. Ela, que tem 4 netos

²³ Marta é um nome fictício, atribuído à entrevistada na tentativa de preservar sua identidade.



(com 8, 12, 15 e 16 anos de idade, respectivamente) em idade escolar, fez questão de dizer que todos estão na escola (pública) e que não os deixa faltar às aulas:

“Meu filho, tudo o que você está vendo nessa casinha foi conseguido com muito esforço, muito sacrifício. Eu sou viúva, e a maioria dos meus filhos vive de bico, pois arrumar trabalho com carteira assinada está difícil. Tem dia que o dinheiro dá pra comprar umas coisinhas, aí, no almoço, tem até um bifezinho, uma carne com osso, que os meninos gostam. Tenho 4 (quatro) netos, e obrigo todos eles a irem a escola, pra não serem como a gente, que não estudou, tinha que trabalhar pra comer, e hoje não sabe nem ler. Aquela menorzinha ali gosta de estudar, até chora quando não vai pra aula, os dois outros também, mas o mais velho, Deus me livre!, só vai arrastado... Digo a eles que se não estudar vão acabar puxando carroça na rua, catando papelão pra vender. A vida aqui é difícil...”

Em 2000, levantamento realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, coloca o Brasil na 72ª colocação no Índice de Desenvolvimento do Educação para Todos entre os 127 países que assinaram o acordo no Fórum Mundial de Educação de Dacar, no Senegal, em 2000. Apesar dos avanços obtidos nos últimos anos pelo Brasil na educação, o país ainda tem um desafio a enfrentar: a má qualidade do ensino oferecido pelas escolas brasileiras (UNESCO, 2000).

Considerações finais

Como mencionado na introdução desse estudo, a análise do nível educacional dos entrevistados permitiu que reflexões mais densas fossem feitas acerca da utilização dos meios de informação consumidos no Pantanal. O nível de escolaridade é muito baixo. A maioria da população é composta por pessoas analfabetas que, quando não, possuem apenas o 1º grau (incompleto ou completo). A maioria dos entrevistados tem entre 26 e 51 anos, o que, se levarmos em conta a taxa de analfabetismo, revela o pouco e/ou nenhum contato que tiveram com os conteúdos formais ministrados pelas instituições competentes. Surpreendeu-nos, entretanto, perceber que, mesmo longe dos bancos escolares há muito tempo, a vontade de aprender a ler e a escrever é grande.

Com baixos níveis de educação, os meios de informação utilizados pela comunidade do Pantanal, em geral, acabam sendo aqueles que não exigem que seus consumidores sejam especialistas na tarefa de decodificação dos códigos utilizados pelos meios de informação (principalmente na televisão e no rádio). Dessa forma, os

"ruídos" existentes na comunicação não chegam a prejudicar o consumo destes, que, não sofrendo prejuízos significativos, aparentam certa indiferença quanto a pouca educação desses que compõe seu público consumidor. Nesse sentido, pode-se dizer que o nível educacional dos entrevistados possui estreita relação com o grau de dificuldade e/ou entendimento acerca da compreensão dos códigos utilizados pelos meios.

Identificamos que os meios de informação menos consumidos são àqueles que, guardadas as devidas particularidades, exigem uma mínima formação educacional para que sejam consumidos, a saber: o jornal (impresso) e a Internet. O primeiro, de baixo custo²⁴ e grande circulação²⁵, tem nos anúncios (classificados) o maior atrativo para os leitores do Pantanal. O segundo, de consumo mais complexo, exige de seus consumidores, além da condição financeira, um mínimo de conhecimento acerca do processo de decodificação, relegando àquela comunidade, e boa parte da população brasileira, a sofrer mais um tipo de exclusão: a digital.

Os meios de informação mais consumidos no Pantanal, sejam suas incidências detectadas a partir da acessibilidade e/ou do baixo custo, são a televisão e o rádio. Desde a sua chegada, por volta da década de 50, pelas mãos de Assis Chateaubriand²⁶, a audiência da televisão tem crescido mais e mais, tornando-se um meio de grande importância para a sociedade, agindo muitas vezes como *start* de modismos e novos comportamentos, incidindo sobre emoções, processos de aprendizagem e de aquisição de conhecimento, capaz, inclusive, “de influenciar a visão que o indivíduo tem de si mesmo e do meio no qual está inserido, independentemente de religião, cultura e características sociais” (GOUY, 2006:22). No Pantanal, a presença do rádio foi identificada na maioria dos domicílios pesquisados, até mesmo pelo baixo custo deste. Outra questão importante repousa sobre o fato de que, além de ser um meio bastante democrático, seu consumo, por ser auditivo, permite que o usuário realize outras atividades, concomitantemente ao seu uso.

Longe de ser a última palavra sobre o consumo dos meios de informação na Unidade Assentamento Subnormal Pantanal, esse trabalho compõe, antes de tudo, uma humilde tentativa de fornecer subsídios para uma melhor análise da relação entre os

²⁴ Em Sergipe (2007), o preço médio praticado é de R\$ 1,00 (um).

²⁵ Ser de grande circulação, nesse caso, não corresponde ao alcance da sua distribuição, e sim a frequência com que o jornal muda de mãos, sendo um mesmo jornal lido por várias pessoas.

²⁶ O paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (Chatô, como era chamado pelos amigos) criou e dirigiu a maior cadeia de imprensa do país, os Diários Associados: 34 jornais, 36 emissoras de rádio, 18 estações de televisão, uma agência de notícias, uma revista semanal (O Cruzeiro), uma mensal (A Cigarra), várias revistas infantis e uma editora.



moradores do Pantanal e os meios de informação presentes no seu cotidiano, servindo de base para pesquisas posteriores. Talvez, acabemos por conseguir chamar a atenção do Poder Público e da iniciativa privada, que, mesmo sem obrigações legais para com aquela comunidade, resta-lhes, pelo menos, a obrigação moral e social para com aqueles que, relegados à invisibilidade social, continuam esperando as coisas melhorarem.



Bibliografia

ACOSTA-ORJUELA, Guillermo Maurício. **Como e Porque idosos brasileiros usam a televisão: um estudo dos usos e gratificações associados ao meio..** Campinas, SP: [s.n.], 2001.

AZEVEDO, S. (1988). “Vinte e Dois Anos de Política de Habitação Popular /1964-86: criação, trajetória e extinção do BNH”. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, vol.22. In: AZEVEDO, S. A. e RIBEIRO, L. C. Q (Org) (1996) **A Crise da Moradia nas Grandes Cidades: da questão da habitação à reforma urbana**. Ed. UFRJ, Rio de Janeiro.

CONDY, J. **The Psychology of Television**. New Jersey: Erlbaum, 1989.

GOUY, G. **A Influência da Mídia Televisiva nos Hábitos de Consumo da Terceira Idade: o caso da UNATISE**. Sergipe: UFS, 2006. Monografia apresentada por Guilherme Borba Gouy e aprovada pela Comissão Julgadora, em 17/05/2006, na UFS.

IBGE (2000), **Censo Demográfico**. CD-Rom IBGE.

IBGE (2005), **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios- PNAD**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. CD-Rom IBGE.

IBOPE (2004). Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Institucional.

Nabil, Bonduki (1997). “Habitat II e a Emergência de um Novo Ideário de Políticas Urbanas”. In: **Habitar Contemporâneo: novas questões no Brasil dos anos 90**. Salvador, 1997FAUFBA.

PORTO, Juliana (2006). **Invisibilidade Social e a Cultura do Consumo**, pág. 2. PUC-RIO. Departamento de Artes & Design – estágio supervisionado pela professora Cristine Nogueira.

UNICAMP, 2004. Universidade Estadual de Campinas; clipping da revista Veja. Ed. 1875: 9 de junho de 2004.

UNESCO, 2000. Levantamento realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. **Índice de Desenvolvimento do Educação para Todos, Senegal**, 2000.